

CAMINHOS E FRONTEIRAS

SERGIO BUARQUE DE
HOLANDA — Livraria
José Olímpio Editôra
(Coleção Documentos
Brasileiros) — Edição
334 páginas — 1957

"Eram de vária espécie êsses tênues e rudimentares caminhos de índios. Quando em terreno fragoso e bem vestido, distinguíam-se graças aos galhos cortados à mão de espaço a espaço. Uma sequência de tais galhos, em qualquer floresta, podia significar uma pista. Nas expedições breves serviam de balizas ou mostradores para a volta. Era o processo chamado *ibapáá*, segundo Montoya, *caapeno*, segundo o Padre João Daniel, *cuapaba*, segundo Stradelli: talvez o mais generalizado, não só no Brasil como em quase todo o continente americano. Onde houvesse arvoredo grosso, os caminhos eram comumente assinalados a golpes de machado nos troncos mais robustos. Em campos extensos, chegavam, em alguns casos, a extremos de sutileza. Koch-Grunberg viu uma dessa marcas de caminho na serra de Tunui: constava simplesmente de uma vareta quebrada em partes desiguais, a maior metida na terra, e a outra, em ângulo reto com a primeira, mostrando o rio. Só a um olhar muito exercitado seria perceptível o sinal".

Quando não fossem praticáveis tais sistemas, o índio encontrava meios de guiar-se pelo sol e com tal habilidade que, segundo referem crônicas quinhentistas, dois tupinambás degredados da Bahia para o Rio de Janeiro e levados por mar, conseguiram, depois de fugir, tornar por terra ao seu país,

caminhando mais de trezentas léguas através da mata, e de parcialidades hostis. Durante a noite marcavam as horas, em alguns lugares, pela observação das estrêlas e constelações. Durante o dia, pela sombra que o polegar deixa na mão.

Esse curioso, apaixonante e bem documentado estudo, "Caminhos e Fronteiras", da autoria de Sérgio Buarque de Holanda, — n.º 89 da Coleção de José Olympio, Documentos Brasileiros — onde a pesquisa histórica, veio enriquecer grandemente a estante de obras nacionais dedicadas aos assuntos históricos-sociológicos.

O campo de observação do autor e o planalto paulista, cuja civilização é estudada desde as suas origens, não deixam o autor de lado fatores de influências etnográficas, como a presença do indígena, abordando os problemas de transporte e comunicação, e dedicando inúmeras páginas às técnicas rurais.

Apoiado em farta e valiosa bibliografia, Sérgio Buarque de Holanda — ajuda mais no que diz respeito à metodologia, ao roteiro de seu livro — recorre a estudos estrangeiros, não raro, a fim de apoiar e consolidar suas observações. Fato êsse de grande importância e que devolve, ou abre perspectivas novas, aos métodos de estudos de nossa História, a contribuição alienígena para o melhor conhecimento de nossos problemas sócio-históricos.

O Bandeirante é o personagem central dessa obra de ecologia social, que aborda temas os mais interessantes, desde a fabricação de rédes, implantação do mel ou o uso do calçado, capítulo êste dos mais reveladores de "Caminhos e Fronteiras". É a civilização paulista em todas as suas origens, em todo o seu desenvolvimento. Caça e pesca, feras, febres, os trigais, o milho, o arado, até o declínio da indústria caseira. O paulista, assimilando ou recusando novas modalidades de vida.

"A visão e orientação unitárias a que se sujeita, assim, a matéria dêste livro se acham sugeridas, aliás, no seu próprio título. Se o aceno ao caminho "que conduzia ao movimento", quer

SBH
Dt 216 58/02/23
ex 15 mg 01
O Estado (Fetalza)

apontar exatamente para a mobilidade característica, sobretudo nos séculos iniciais, das populações do planalto paulista — em contraste com as que, seguindo a tradição mais constante da colonização portuguesa, se fixaram junto à marinha — o fato é que essa própria mobilidade é condicionada entre elas e irá, por sua vez, condicionar a situação implicada na ideia de "fronteira".

T. T.